O avesso de Plutarco: as escritas das vidas infames de Michel Foucault[1]

Maria da Glória de Oliveira[2]

Estas vidas, porque não ir escutá-las lá onde falam por si próprias?[3]
Michel Foucault

Não obstante a expectativa que o título desta comunicação possa alimentar, torna-se necessária uma primeira advertência: a da impossibilidade de falar em uma "escrita biográfica", no sentido estrito, ou de qualquer tentativa de enquadramento rigoroso de alguns trabalhos de Michel Foucault nos moldes, mesmo flexíveis e voláteis de um gênero como a biografia, sobretudo quando levamos em conta os célebres projetos desenvolvidos em torno dos casos de Pierre Rivière, o jovem camponês parricida, e do hermafrodita Herculine Barbin, nos anos de 1970.[4]

De imediato, nada mais problemático do que supor que exista algum contato entre o filósofo que fez a crítica radical à noção de sujeito como unidade fundante homogênea e o gênero que se define pela configuração narrativa dos acontecimentos de uma vida e, por conseguinte, tem por pressuposto uma razão biográfica.[5] Por outro lado, não deixa de ser atraente a retomada de algumas questões subjacentes a esses estudos que estampam explicitamente os nomes próprios de existências tão singulares quanto obscuras porque destituídas de qualquer notoriedade ou significado representativo e "histórico", quando lembramos do emblemático e incompreendido anúncio da "morte do homem" na conclusão de *As palavras e as coisas*.[6]

---

[1] *Paper* apresentado no *Colóquio 30 anos sem Foucault*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nos dias 17 e 18 de setembro de 2014.

[2] Doutora em História Social/UFRJ, professora adjunta de Teoria da História do Departamento de História e Relações Sociais/ICHS/UFRRJ.

[3] FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 5ª. ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 98

[4] FOUCAULT, Michel. *Moi, Pierre Rivière ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère.* Paris: Gallimard, 1973 e FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin, dite Alexina B.* Paris: Gallimard, 1978.

[5] Para uma discussão sobre o rompimento de Foucault com as tradicionais filosofias do sujeito e a abordagem das tecnologias da sujeição, ver: BRUNI, José Carlos. Foucault: O silêncio dos sujeitos. *Tempo Social*, volume 1 (1), 1989, pp. 199-207.

[6] FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. 8ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 536. ANDRADE, Daniel Pereira. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin. *Tempo Social,* v. 19, n. 2, 2007, pp. 233-252.

Sem dúvida, a dupla recusa foucaultiana da categoria de autor e do gesto biográfico e, por conseguinte, a desconstrução da evidência da subjetividade como princípio constitutivo do pensamento moderno, vinculam-se inevitavelmente ao problema do sujeito e suas relações com as escritas de vida.[7] Uma das estratégias de Foucault foi, portanto, retirar da obscuridade e do silêncio dos arquivos, as vozes de Rivière e Barbin, através da publicação de seus relatos autobiográficos, para demonstrar que a suposta singularidade do indivíduo moderno é, antes de tudo, efeito da disciplinarização das condutas e dos corpos. Assim, as categorias de sujeito, de autor, de indivíduo são tributárias do trabalho de "escrituralização da vida", no qual os procedimentos de construção das singularidades e de biografização são decisivos. [8]

Desde as suas origens, a biografia foi concebida como distinta da historiografia, conforme a demarcação que o próprio Plutarco estabeleceu no célebre prefácio à vida de Alexandre em que declarava a sua intenção de escrever vidas e não histórias.[9] A configuração do campo semântico da noção moderna de biografia, deu-se pela combinação de um sentido próprio (relato de uma vida) e um metonímico (acontecimentos de uma vida), o que remeteria à dualidade semântica similar do conceito de história (narração e conjunto de fatos que se produzem no tempo). A dupla significação implica considerarmos que uma vida não adquire sua verdadeira e definitiva "realidade" senão por meio do seu relato. Enfim, para ambas – história e biografia – uma só palavra designa, ao mesmo tempo, a operação e o artefato textual que dela resulta. Desse modo, conjuga-se em uma única formulação os sentidos amplo e estrito, usualmente atribuídos ao gênero biográfico que, não obstantes todas as suas variações ao longo do tempo, define-se como "narrativa escrita ou oral, em prosa, que um narrador faz da vida de um indivíduo, acentuando a singularidade e o encadeamento de sua existência".[10]

A biografia é o resultado de uma configuração narrativa das experiências vividas que resulta da relação entre um biógrafo e o seu biografado. Já na autobiografia, aquele que escreve coloca em cena a sua experiência vivida, apresentando-se como narrador e personagem do relato que produz. O elemento básico que conecta as autobiografias, os diários, as memorias e demais formas de escrita de si é a identidade entre narrador,

---

[7] MIRANDA, José A. Bragança de. E CASCAIS, Antônio Fernando. A lição de Foucault. In: *O que é um autor?* 5ª. ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 5.
[8] Idem, p. 10.
[9] PLUTARCO. Vida de Alexandre, 1, 1-3. In: HARTOG, François. (org.). *A história de Homero a S. Agostinho.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 175.
[10] MADÉLENAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.

autor real e personagem central, pois garante que quem afirma no texto ser "eu" o é realmente.[11] Como pensar esses dois gêneros a partir dos trabalhos de Foucault? Abordar o tema pela perspectiva das problematizações densas em torno do sujeito – um dos eixos fundamentais da obra foucaultiana – poderia ser tarefa promissora e instigante, mas minha opção limita-se a um exercício de leitura de alguns de seus textos que podem oferecer elementos, senão de uma suposta "escrita biográfica" foucaultiana, mas de uma radical desnaturalização da própria evidência desse gênero discursivo.

I

Nos anos de 1970, no contexto de seus estudos sobre a história das relações entre psiquiatria e justiça penal, Foucault se depara com um conjunto de documentos (relatórios médicos e peças judiciárias) sobre um caso de parricídio no século XIX, publicados nos *Annales d'Hygiène Publique et de Médicine Légale,* no ano de 1836, na França: o caso Pierre Rivière, jovem camponês que matara a golpes de foice a mãe grávida e seus dois irmãos.[12] A obra, publicada em 1973, antecede a publicação de *Vigiar e punir* (1975), resultou de um trabalho coletivo dos pesquisadores reunidos no seminário oferecido por Foucault no Collège de France. Dois anos antes, em fevereiro de 1971, a criação do Grupo de Informação sobre Prisões, ao qual se juntaram personalidades como Jean-Paul Sartre, Gilles Deleuze, C. Mauriac e Jean Genet, assinalava as intensas articulações de suas posições teóricas com a militância política.[13] É o momento da guinada genealógica que marcará os estudos foucaultianos até a *Vontade de saber (*1975 e 1976), com foco no exame das relações entre o poder, o saber e o corpo na sociedade moderna. Do ponto de vista da genealogia, o sujeito emerge como efeito e objeto de múltiplos saberes que conformam uma "tecnologia política do corpo" e os dispositivos de sujeição.[14]

Na apresentação do dossiê *Pierre Rivière*, Foucault adverte que a justificativa para a feitura do livro não estava na excepcionalidade ou na repercussão do caso: os crimes de parricídio eram relativamente numerosos nos tribunais de júri do século XIX.

---

[11] LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.* Belo Horizonte: UFMG, 2008.
[12] FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Um caso de parricídio do século XIX. Tradução de Denize Lezan de Almeida. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977, pp. ix-x.
[13] BILLOUET, Pierre. *Foucault*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, pp. 140-141.
[14] DOSSE, François. Foucault e a desconstrução da história. In: *História do estruturalismo.* O canto do cisne (volume II). Bauru/SP: Edusc, 2007, pp. 305-307.

O elemento excepcional estava no relato redigido na prisão pelo próprio acusado, um camponês de cerca de vinte anos, que dizia mal saber ler e escrever. Segundo Foucault, o que, de fato, o fez se debruçar sobre o caso durante um ano, foi a "beleza do manuscrito de Rivière" e a "estupefação" provocada por seu memorial.[15] A publicação integral da documentação sobre o caso Rivière tinha o propósito de restituir "a batalha ou o confronto de discursos" em torno de um mesmo episódio, discursos de origem, formas e funções diferentes que se entrecruzavam e, por vezes se contradiziam: o dos médicos, dos magistrados, dos aldeões em seu "assombro por um crime cometido no meio deles". No centro dessa batalha, estava o relato confessional do próprio Rivière que, nas palavras de Foucault, servia de "ponto zero para medir a distância entre os outros discursos e as relações que entre eles se estabeleciam".[16]

Com isso, fica evidente a recusa de Foucault em apagar a singularidade e o impacto perturbador do discurso de Rivière, ao mesmo tempo em que pretende demonstrar como a sua figura escapa a qualquer tentativa de enquadramento discursivo, por se constituir como ponto de entrecruzamento de diferentes enunciados. Na organização do livro, também chama a atenção a estratégia crucial de "dar voz" ao conjunto discursivo-documental, isto é, a todas as fontes documentais e ao próprio relato feito em primeira pessoa de Rivière que, disposto no centro da obra, precede a série de ensaios assinados pelos pesquisadores envolvidos no projeto, que constroem "explicações" desses discursos, traçando diferentes análises acerca do caso.[17] Ao final da apresentação do livro, Foucault afirma, "fomos subjugados pelo parricida de olhos avermelhados", sublinhando a opção metodológica de não sobrepor ao discurso de Rivière o seu próprio texto ou de "silenciá-lo" com comentários ou explicações racionalizantes. Assim, pretende manter as palavras e os atos de Rivière "irredutíveis a qualquer discurso", seja o da psiquiatria ou o da justiça.

Tal perspectiva metodológica não deixaria de ser alvo de críticas contundentes, como a de Carlo Ginzburg. No prefácio da edição italiana de sua obra mais célebre, *O queijo e os vermes*, publicada em 1976, três anos depois do livro sobre o caso Rivière, o historiador italiano mobiliza argumentos semelhantes às objeções dirigidas por Jacques

---

[15] FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière*, op. cit., p. xi.
[16] Idem, p. xiv.
[17] Além de Foucault, entre esses autores, estão: Blandine Barret-Kriegel, Gilbert Burlet-Torvic, Robert Castel, leanne Favret, Alexandre Fontana, Georgette Legée, Patricia Moulin, lean-Pierre Peter, Philippe Riot e M aryvonne Saison.

Derrida cerca de dez anos antes à *História da loucura.*[18] Para Ginzburg, as confissões do moleiro Menocchio diante dos inquisidores, a despeito de todos os filtros e mediações "deformadoras" contidas em seu discurso, constituem indícios possíveis de uma realidade histórica que pode sim ser desvendada, mesmo que por meio de uma documentação exígua e dispersa.[19] É na sequência da exposição que se formulam as suas objeções ao que chama de "neopirronismo" subjacente a estudos como o de Foucault, para quem o que interessaria mais seriam "os gestos e os critérios de exclusão; os exclusos, um pouco menos". Nas palavras de Ginzburg, "o ambicioso projeto foucaultiano de uma "arqueologia do silêncio' transformou-se em silêncio puro e simples – por vezes acompanhado de uma muda contemplação estetizante".[20] O autor de *O queijo e os vermes* questiona sobretudo a escolha de Foucault de excluir, de antemão e de forma explícita, as possibilidades de análise e de interpretação das memórias do parricida, o que desembocaria, nos termos de Ginzburg, em um "estranhamento absoluto" que apagaria a própria figura de Rivière, ou seja, diante do caso, não sobraria mais nada, além de "estupor e silêncio".[21]

II

As objeções dirigidas ao ambicioso projeto foucaultiano de uma "arqueologia do silêncio" não surpreendem, se lembrarmos que o contexto intelectual dos anos de 1970 foi momento profícuo de debates no campo das ciências humanas em torno dos limites das macro-abordagens, das perspectivas estruturais de análise e, por conseguinte, de retomada da categoria de sujeito histórico. Embora Foucault tivesse "revolucionado a história", como aludia o título do artigo de Paul Veyne, em 1971, ele nunca pretendeu agradar os historiadores. Pelo menos, é com essa advertência explícita que Foucault inicia o artigo "A vida dos homens infames", de 1977:

---

[18] Para uma análise da resposta de Foucault às críticas de Derrida, ver: MOTTA, Manoel. Foucault e Derrida: super-interpretando a história da loucura. *Revista Universidade Rural:* Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 28, n.1-2, 2006, pp. 50-58.
Disponível em: http://www.editora.ufrrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch28n1-2/50-58.pdf

[19] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes:* o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 20.

[20] Idem, p. 21.

[21] Idem, p. 22. Para uma análise comparativa das posturas teórico-metodológicas de Foucault e Ginzburg dos respectivos casos de Pierre Rivière e de Menocchio, ver: JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. In: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru/SP: Edusc, 2007, pp. 101-112.

> Isto não é uma obra de história. O acervo que aqui encontraremos não obedeceu à regra mais importante que o meu gosto, o meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer, cuja intensidade talvez me fosse difícil justificar, agora que é passado o primeiro momento de descoberta.
> É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou algumas páginas, desditas e aventuras sem número, recolhidas numa mão-cheia de palavras. Vidas breves, achadas a esmo em livros e documentos. *Exempla*, mas ao contrário daqueles que os sábios recolhiam no decurso das suas leituras, são exemplos que têm menos de lições a serem meditadas, do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente.[22]

A ideia de fazer uma coletânea de vidas infames surgira, na Biblioteca Nacional da França, quando Foucault se deparou com registros de internamento, datados do século XVIII. A documentação que permitia o acesso – registros de arquivos da polícia e as famosas *lettres de cachet* (ordens de prisão e internamento emitidas com selo real que podiam ser solicitadas contra alguém pelos seus próximos, pai, mãe, parentes, vizinhos e podiam envolver questões familiares, conflitos de interesses, vigarices, bebedeiras e a tudo o que fosse considerado como desvio de conduta) – tais fontes estavam longe de se constituir uma novidade dentro dos estudos de Foucault, o que não o impedia de pretender preservar a intensidade "original" daquelas vidas obscuras e desafortunadas registradas, mesmo que de forma muito breve, nesses documentos.

> "[...] a sua loucura foi sempre o esconder-se da família, levar uma vida obscura no campo, ser processado, emprestar por usura e a fundo perdido, passear o seu pobre espírito por caminhos esconsos e crer-se capaz dos maiores cometimentos." (Mathurin Milan, internada no hospício Charenton em 31 de agosto de 1707)

> "Frade apóstata, sedicioso, capaz dos maiores crimes, sodomita, ateu até mais não poder ser; um verdadeiro monstro da abominação que mais valia sufocar do que deixar livre". (Jean Antoine Touzard, internado no hospital Bicêtre em 21 de abril de 1701)

Os fragmentos acima, extraídos de registros de internamento, e outros semelhantes emergiam do silêncio de dois séculos e meio dos arquivos e, para abordá-los, a estratégia metodológica se definia, mais uma vez, pela renúncia a qualquer ordenação sistemática ou a quaisquer "rudimentos de explicação", de modo a que essas vidas, mesmo obscuras e sem notoriedade, remetessem a personagens "realmente existentes", como se fosse possível apresentá-las com o "mínimo de significado

[22] FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?* op. cit., pp. 89-90.

histórico", para preservar a sua "beleza e assombro".[23] A Foucault interessava personagens, homens e mulheres, que não tivessem sido dotadas de nenhuma grandeza, santidade, heroísmo ou gênio e, portanto, existências ordinárias destinadas a não deixar rastros e que, contudo tinham sido atravessadas "por um certo ardor, por uma violência, um excesso na malvadez, na vilania, na baixeza ou no infortúnio".[24]

> Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que não sobrevivem senão do choque com um poder que mais não quis que aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que a nós não tornam a não ser pelo efeito de múltiplos acasos, tais são as infâmias de que eu quis juntar aqui alguns restos.
> [...] o monge apóstata, os pobres espíritos extraviados por caminhos desconhecidos, esses são infames a todo rigor; não existem senão através das poucas palavras terríveis que estavam destinadas a torná-los indignos, para sempre, na memória dos homens.[25]

Não se trata da infâmia dos homens a que foram atribuídos feitos abomináveis ou que despertaram repulsa e horror, como a dos malfeitores tornados célebres como o marquês de Sade ou o poeta-assassino Pierre François Lacenaire, pois a infâmia deles não seria mais do que uma modalidade da fama. O que interessava, portanto, era "a infâmia estrita", destituída de qualquer escândalo ou admiração e incompatível com qualquer tipo de glória. É evidente que tal projeto não se descola das preocupações de Foucault em cartografar e compreender as estruturas e os mecanismos das relações de poder em todos os seus dispositivos discursivos. Escrever a vida dos homens infames, destituídos de qualquer grandeza, virtude ou exemplaridade moral representaria o "avesso" das biografias paralelas de Plutarco.

É interessante observar como o paradigma biográfico antigo servirá de medida e referência no título e na apresentação de uma coleção de duração efêmera que Foucault chegou a lançar pela editora Gallimard, em 1978.[26] O nome da coleção "Vidas paralelas" define o projeto no qual despontam indivíduos que não provocaram nenhum eco de louvor, apenas tiveram seus nomes e histórias registrados por efeito da sua condenação. Não são vidas dispostas em paralelo como o fez Plutarco para traçar o retrato das virtudes morais de gregos e romanos, mas são antes um punhado de

---

[23] Idem, p. 93.
[24] Idem, pp. 96-97.
[25] Idem, 102-103.
[26] DOSSE, François. *O desafio biográfico:* escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 266.

existências que emergem da massa documental dos arquivos, sobre as quais não há nenhum ponto de encontro que não seja uma constante divergência.

Nessa coleção, Foucault apresenta outro personagem. Em *Herculine Barbin chamada Alexina B.*, ocupa-se da experiência de vida trágica de um hermafrodita que comete suicídio em 1868. A publicação, dessa vez, apresenta o arquivo em si mesmo, sem comentários ou apêndices analíticos. Trata-se da transcrição do diário e das memórias de Alexina, o indivíduo dotado de uma anatomia incerta, a que a medicina e a justiça do século XIX exigiram obstinadamente que assumisse a sua definitiva e verdadeira identidade sexual.[27]

Por que Foucault optou por tornar visíveis essas vidas, deixando "falar" as vozes de personagens tão obscuros? Poderíamos pensar em usos do biográfico, mesmo de forma subliminar ou implícita? Tais usos não perpassariam a metodologia de Foucault que, ao longo dos textos citados aqui, afirma sempre pela negativa ou pelo avesso daquilo que seria uma razão biográfica?

A primeira constatação é a de que, para abordar os dispositivos do poder, Foucault não consegue escapar das marcas, mesmo ínfimas, deixadas pelos sujeitos que, não tendo desempenhado nenhum papel memorável na história, tiveram vidas infames no sentido mais estrito do termo, isto é, viveram no limite de uma não existência, sem provocar escândalo ou admiração e, portanto, possuem existências esvaziadas de um sentido biográfico usual. São vidas que, para Foucault, não adquirem inteligibilidade, após dois séculos e meio de silêncio, senão como efeitos das práticas, relações e discursos de poder, cujas notícias fragmentadas chegam a nós por obra de múltiplos acasos.

Seria oportuno observar que, em certa medida, o projeto das vidas infames de Foucault deixa em aberto os termos do debate em torno das relações entre indivíduo e história e, em especial, os modos como o problema encontrou vias de solução através do que Sabina Loriga identificou como as duas "utopias" que inspiram os usos do biográfico nas ciências humanas e entre os historiadores.[28] A primeira delas seria a da representatividade da experiência do indivíduo, investida do estatuto de ponte e espelho para a compreensão de categorias sociais mais abrangentes. Por essa via, a pesquisa

---

[27] Para uma apresentação da obra, ver SERRANO, Antonio. Aproximaciones y lejanias com el pensamiento de M. Foucault. In: FOUCAULT, M. *Herculine Barbin llamada Alexina B*. 2ª. Ed. Madri: Talasa Ediciones, 2007, pp. 5-10.

[28] LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 222-224.

biográfica resume-se a uma perspectiva de generalização em detrimento das especificidades dos destinos individuais. Não é necessário lembrar o quanto a adesão a esse pressuposto contribuiu para a escrita de uma história sem nomes ou sujeitos e desprovida de impressões digitais. A segunda utopia, embora afastada da busca de "espelhos" individuais que reflitam o conjunto histórico, reforçaria a mesma pretensão "naturalista" de apreender uma época, dessa vez, reconstituindo cada um de seus elementos como, por exemplo, através do método prosopográfico, para se chegar a "categorias interpretativas plenamente aderentes à realidade empírica".[29] E, nesse caso, mais uma vez, trata-se da contumaz ambição de fazer do conhecimento uma cópia integral dos objetos conhecidos.

Depois de Foucault, tais expectativas utópicas tornaram-se, no mínimo, insustentáveis Nos casos Rivière e Herculine Barbin, os relatos biográficos e autobiográficos não foram usados como indícios da expressão de um sujeito soberano que, através de sua escrita, revelaria a verdade sobre si. Por conta disso, biografia e autobiografia nada mais seriam do que práticas discursivas de subjetivação, ou seja, não existe um sujeito exterior a essas práticas, este é constituído na e por meio da escrita memorial e autobiográfica, aparecendo como uma função variável e complexa desses discursos. Como o próprio Foucault defenderá nos trabalhos de abordagem genealógica, o indivíduo não é um *a priori* sobre o qual o poder se exerceria, mas, ao contrário, deve ser compreendido como efeito de uma determinada modalidade de poder.

Frente a certa recepção crítica que reduziu o alcance de sua contribuição ao tema da "morte do sujeito", nunca é demais assinalar o quanto o caráter fugidio, cambiante e multifacetado da obra de Foucault esteve longe de autorizar tais simplificações e, sob muitos aspectos, parece ter se beneficiado proficuamente delas. Exemplo disso está no texto de apresentação da edição portuguesa, em 1967, de *As palavras e as coisas*, cujos argumentos dificilmente poderiam endossar o rótulo raso a ele atribuído, de "estruturalista":

> Assim nos parece intolerável que o homem se nos apague no horizonte como no limite do mar uma face de areia, porque só podemos admitir que se apague a aflição dessa face. Assim, o horizonte que divisamos para a nossa inquietação não é a anulação do homem, mas daquilo que o inquieta, não é a anulação do sujeito, mas do que nele repercute de interrogação e amargura, não é o de que

[29] Idem, p. 224.

> ele seja o centro da vida, mas de que a vida nesse centro fale do dia e não da noite.[30]

Como apontamento final do meu exercício de leitura, seria importante destacar que Foucault sustentou, com incansável convicção, a perspectiva metodológica de que as vidas infames e fragmentadas que emergiam na documentação de arquivo fossem lidas como peças da "dramaturgia do real", preservadas naquilo que as fizera insignificantes, obscuras e pouco dignas de serem lembradas, evitando convertê-las em objetos de uma análise histórica, ou impondo-lhes um discurso explicativo que silenciasse as suas singularidades.

É como se o autor da *História da loucura* acreditasse poder escapar do que ele próprio tão bem cartografou como sendo as regras e dispositivos reguladores da economia dos discursos, como se possível fosse lançar à tarefa hermenêutica o desafio de se pautar pelo avesso a qualquer atribuição de sentido para, ao final, oferecer aos seus leitores nem obra de história, nem biografias ou autobiografias, apenas uma "antologia de existências".

[30] FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Martins Fontes, 1967, p. LIV. Apud TERNES, José. A morte do sujeito. In: PORTOCARRERO, Vera e BRANCO, Guilherme Castelo (orgs). *Retratos de Foucault.* Rio de Janeiro: Nau, 2000, p. 54.